
CONJUGALIDADE, PARENTALIDADE E SEPARAÇÃO: REPERCUSSÕES NO RELACIONAMENTO PAIS E FILHOS(AS)¹

Edna Lucia Tinoco Ponciano²

Universidade Estadual Rio Janeiro – RJ-Brasil

Terezinha Féres-Carneiro

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ-Brasil.

RESUMO. Tradicionalmente, a família inicia-se com a história de duas pessoas que formam um casal, suporte para a criação dos(as) filhos(as). Ao longo do ciclo vital, ocorrem várias transformações. A adolescência e a transição para a vida adulta são fases do desenvolvimento importantes para compreendermos as mudanças no relacionamento pais e filhos(as), em que, muitas vezes, a separação conjugal já ocorreu. O objetivo deste trabalho é discutir as repercussões da conjugalidade e da separação sobre a parentalidade, analisando, a partir do relato histórico de pais e mães, o relacionamento de pais e filhos(as) ao longo da vida e, sobretudo, no período da adultez emergente. Em uma pesquisa qualitativa, entrevistamos homens e mulheres, pais e mães de jovens de 15 a 26 anos, da classe média do Rio de Janeiro. Os entrevistados eram casados, separados ou recasados e relataram histórias sobre conjugalidade, parentalidade e separação, que afetaram e/ou ainda afetam o relacionamento entre pais e filhos(as). A partir da análise das 25 entrevistas realizadas, concluímos que pai e mãe participam ativamente da vida dos(as) filhos(as), ainda que de modos diversos. Notamos a predominância marcante da mãe e a especificidade da presença paterna, ainda pouco valorizada e compreendida, principalmente quando ocorre a separação.

Palavras-chave: Conjugalidade; parentalidade; separação.

CONJUGALITY, PARENTHOOD AND SEPARATION: REPERCUSSIONS ON THE PARENT-CHILD RELATIONSHIP

ABSTRACT. Traditionally, the family begins with the story of two people that form a couple, the support for the raising of children. Throughout the life cycle, several transformations occur. Adolescence and the transition towards adulthood are developmental phases important to understand the changes in the parent-child relationship, in which many times separation has already happened. The purpose of this article is to discuss the repercussions of conjugality and separation on parenthood, analyzing, from the historical narrative of fathers and mothers, the parent-child relationship throughout life, and especially, during emerging adulthood. In a qualitative research, we interviewed men and women, fathers and mothers of 15- to 26-year-old children, of the middle class of Rio de Janeiro. The interviewees were either married, divorced or remarried, and told stories of conjugality, parenthood and separation that affected and/or still affect the parent-child relationship. From the analysis of the 25 interviews, we concluded that both father and mother actively participate in the life of their children, yet in different ways. We noted the striking predominance of the mother and the specificity of the paternal presence, still poorly valued and understood, especially when the separation takes place.

Keywords: Conjugality; parenthood; separation.

NUPCIALIDAD, LAZOS PARENTALES Y SEPARACIÓN: REPERCUSIONES EN LA RELACIÓN ENTRE PADRES E HIJOS

RESUMEN. Tradicionalmente, la familia empieza con la historia de dos personas que forman una pareja, soporte para la crianza de los hijos. A lo largo del ciclo vital, suceden varias transformaciones. La adolescencia y la transición para la vida adulta son fases del desarrollo importantes para comprender los cambios en la relación

¹ Apoio e financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj).

² E-mail: ednaponciano@uol.com.br

entre padres e hijos, en las cuales, muchas veces, la separación conyugal ya ha sucedido. El objetivo de este estudio es discutir las repercusiones de la nupcialidad y de la separación sobre los lazos parentales, analizando, a partir del relato histórico de padres y madres, la relación entre padres e hijos a lo largo de la vida y, sobre todo, en el periodo de la adultez emergente. En una investigación cualitativa, entrevistamos a hombres y mujeres, padres y madres de jóvenes de 15 a 26 años, de la clase media de Rio de Janeiro. Los entrevistados eran casados, separados o casados otra vez, y relataron historias sobre nupcialidad, lazos parentales y separación, que afectaron y/o aún afectan la relación entre padres e hijos. A partir del análisis de las 25 entrevistas realizadas, concluimos que padre y madre participan activamente de la vida de los hijos, aunque de modos distintos. Observamos la predominancia notoria de la madre y la especificidad de la presencia paterna, todavía poco valorada y comprendida, principalmente cuando sucede la separación.

Palabras-clave: Nupcialidad; lazos parentales; separación.

Introdução

O debate a respeito das mudanças que a família tem enfrentado, especialmente quanto à modificação do papel parental, tem sido realizado em nossas pesquisas a partir da transição para a vida adulta, considerada uma fase distinta do ciclo de vida (Gitelson & McDermott, 2006; Padilla-Walker & Nelson, 2012). Nessa fase, a relação entre pais e filhos(as) transforma-se em decorrência de vários fatores, dentre eles, o desenvolvimento crescente da autonomia dos(as) filhos(as), iniciado na adolescência (Booth, Brown, Landale, Manning, & McHale, 2012). Durante o processo de entrada para a vida adulta, não há clara definição que determine essa transformação, tampouco há uma previsão quanto ao papel e à relação com os pais (Arnett, 2011).

Sobre o tema da transformação do papel dos pais, enfatizando que há um envolvimento parental, realizamos uma revisão das literaturas nacional e internacional e identificamos alguns poucos estudos que abordam a transformação do papel parental na adolescência e na transição para a vida adulta (Gower & Dowling, 2008; Smetana, 2011). O papel e a função dos pais têm sido discutidos, no campo da psicologia do desenvolvimento, desde a infância até a adolescência dos(as) filhos(as). Quando se trata da entrada na vida adulta, que ocorre, aproximadamente, do meio para o final da adolescência até os 29 anos, essa discussão é consideravelmente reduzida, sendo necessário o aumento de pesquisas e de discussão teórica para que se comece a mudar esse quadro (Gitelson & McDermott, 2006; Gower & Dowling, 2008). Os pais continuam oferecendo suporte financeiro e emocional, principalmente quando não há condições favoráveis de entrada no mercado de trabalho e quando as relações amorosas são instáveis, não definindo um projeto de casamento e de saída da casa paterna (Gitelson & McDermott, 2006; Gower & Dowling, 2008; Ponciano, 2015; Ponciano & Féres-Carneiro, 2014).

Entendemos que o relacionamento pais-filhos(as) é desenvolvido de acordo com a inter-relação de, pelo menos, três fatores: a idade dos(as) filhos(as), a diferença entre pai e mãe, a história da parentalidade e a possível separação, que refletem a história da conjugalidade. Na infância, há uma relação de maior dependência, que sofre modificações na adolescência, quando se inicia o processo de crescente autonomia dos(as) filhos(as). Na vida adulta, supomos que a independência seja a regra para maior afastamento entre pais e filhos(as). Em todas as idades, porém, a mãe tende a predominar como principal cuidadora, participando da vida dos(as) filhos(as), mais ativamente. Pela socialização de gênero, a mulher é responsável pelo relacionamento, enquanto o homem, pela manutenção financeira da casa. Atualmente, se o homem não mantém financeiramente a casa, encontra obstáculos, que deverá ultrapassar, para participar de alguma outra forma, quando convocado. Quanto à história da conjugalidade, com sua dinâmica e possíveis rupturas, ela estabelece os padrões de relacionamento da família, configurando o tipo de relação entre pais e filhos(as). A diferença entre pai e mãe e a influência da conjugalidade, e suas possíveis rupturas, determinam as dificuldades de incluirmos o pai na discussão sobre o relacionamento pais e filhos(as). Embora o discurso e a presença da mãe sejam predominantes, consideramos importante compreender o modo como se dá a participação do pai, que tem sido transformada em um processo histórico de questionamento de seu poder (Hurstel, 1999).

A história de uma família pode ter diferentes inícios. Nesta pesquisa exploratória, enfocamos somente a família que se inicia com a história de duas pessoas que formam um casal heterossexual, sendo o objetivo deste trabalho discutir as repercussões da conjugalidade e a da separação sobre a parentalidade, destacando, a partir do relato histórico de pais e mães entrevistados, o relacionamento pais e filhos(as) ao longo da vida e, sobretudo, no período da adultez emergente.

A família baseada na conjugalidade, segundo Durkheim (1975), é formada pelo marido, a mulher e os(as) filhos(as) menores e solteiros(as), caracterizando um tipo de relação que só existe entre os membros deste grupo e se define ao redor da autoridade paterna. As marcas do patriarcado ainda se fazem perceber nesse grupo restrito, considerando a análise de Durkheim, na metade do século XX. O pai deve nutrir a criança e lhe oferecer educação até a maior idade. A criança é dependente do pai, não dispõe de sua pessoa nem de seu destino. A responsabilidade civil cabe ao pai (pátrio poder). Quando o(a) filho(a) atinge a maioridade ou quando se casa, cessam as relações jurídicas, ele(a) adquire sua própria personalidade, seus interesses distintos e sua responsabilidade pessoal, de acordo com Durkheim (1975). Desse modo, a partir da história das relações ocorridas nesse grupo fechado e de intensos laços afetivos, o desenvolvimento de indivíduos saudáveis tem a sua base na história do laço conjugal.

A díade conjugal pode ser compreendida pela união de duas individualidades, que carregam consigo desejos e projetos diferentes, e uma conjugalidade, que representa o projeto que une dois sujeitos, formando uma terceira instância, que é a da identidade conjugal. Essa união configura uma dinâmica paradoxal, ao propor que sejam contempladas tanto a autonomia quanto a satisfação conjugal (Féres-Carneiro, 1998). O subsistema conjugal também é formado pela conjugação de duas histórias distintas, que advêm de duas famílias. O casal constrói as suas próprias regras a partir da elaboração das regras das duas famílias de origem, o que pode gerar conflitos. Apesar das dificuldades desse empreendimento, os enamorados continuam desejando a intimidade e o envolvimento, representados pela união conjugal, já que, na vida adulta, essa é uma forma privilegiada de se constituir como sujeito (Berger & Kellner, 1988). No entanto, algumas vezes, esse projeto termina em separação e divórcio, o que não significa, necessariamente, a desistência de, no futuro, encontrar outra parceria conjugal. Atualmente, casar e separar evidenciam a constante busca de alcançar a felicidade no projeto conjugal (Féres-Carneiro, 1998; Miller, Nunes, Bean, Day, Falceto, Hollist, & Fernandes, 2014).

Com o nascimento de um(a) filho(a), a conjugalidade é transformada e, ainda que não perca sua importância, muitas vezes, vê-se subordinada à parentalidade, aumentando o risco de insatisfação conjugal, sendo comum a maior dedicação feminina à maternidade. Em caso de separação, muitos casais recasam, juntando os filhos de diferentes casamentos em uma mesma família. O recasamento aumenta a complexidade quanto à definição das regras e dos diferentes papéis conjugais e parentais (Sibertin-Blanc, 2003). Essas diferentes formas conjugais repercutem no modo como os pais participam na vida de seus(suas) filhos(as), desde a infância até a vida adulta (Warpechowski & Mosmann, 2012).

Nomeando a família como parental, temos a oportunidade de refletir sobre outro aspecto da família conjugal. A parentalidade mantém o grupo familiar mesmo quando ocorrem a separação e o divórcio. A livre escolha permite que haja a dissolução conjugal, conforme não seja confirmada a escolha inicial de cada membro do casal. Para pais e filhos(as), não há dissolução dos laços parentais, estabelecidos pela herança biológica e pelo Estado, em última instância. Dessa forma, o casal perde a sua centralidade, como definido por Durkheim (1975) na família conjugal, para a centralidade da relação parental, que é indissolúvel. Paradoxalmente, a indissolubilidade do vínculo parental torna os pais submetidos a um papel. Os pais, casados ou não, veem-se submetidos à primazia da liberdade, da autonomia e do crescimento dos(as) seus(suas) filhos(as). Mesmo que não formem um casal, pai e mãe devem cumprir o seu papel na família, que pode deixar de ser conjugal, mas não deixará de ser parental. Em detrimento de suas escolhas pessoais e da autoridade que se achem no direito de exercer sobre os(as) seus(suas) filhos(as), cada pai e cada mãe estão vinculados um ao outro pelos laços que os vinculam aos(às) filhos(as) em comum. No caso de divórcio, seguido de um novo casamento, os casais que têm filhos(as) possuem uma ligação para sempre. Eles fazem parte de uma família parental e podem levar para um novo arranjo os conflitos da relação conjugal (Hameister,

Barbosa, & Wagner, 2015). Eles ainda possuem um laço jurídico, que os mantém ligados como uma dupla parental.

O relacionamento pais-filhos(as), portanto, diferencia-se conforme a configuração familiar: casados, separados e recasados desenvolvem diferentes trajetórias de envolvimento com seus(suas) filhos(as). Há, porém, tendência de predomínio da atuação e influência da mãe sobre essas trajetórias. Ainda que a mãe predomine, para entendermos a complexidade da relação com os(as) filhos(as), devemos considerar que tanto o pai quanto a mãe formam uma díade parental com cada um de seus(suas) filhos(as) e cada díade possui características específicas (Parke, 2000). De qualquer modo, a mãe influencia e orienta a relação do pai com os(as) filhos(as), à medida que transmite mensagens, verbais e não verbais, sobre o pai. A qualidade da presença paterna é profundamente influenciada pela qualidade da relação conjugal dos pais, pelo reconhecimento e suporte da mãe e pela experiência da criança com outras figuras parentais (Adamsons, 2013; Barthassat, 2014; Kalmijn, 2013a; 2013b; Schneebeli & Menandro, 2014). Geralmente, esperamos que o pai provenha a subsistência material, tendo, assim, papel instrumental, enquanto a mãe exerce o papel expressivo de cuidados físicos e emocionais. Não é comum, porém, o reconhecimento de que o papel instrumental do pai vai além da subsistência material, abarcando o desenvolvimento de habilidades esportivas, praticadas nos momentos de lazer, que ensinam a estar em grupo e a obedecer a regras (Krampe, 2009). Assim, os(as) filhos(as) têm no pai um parceiro para os jogos e para os momentos de diversão, o que costuma desagradar às mães, quando enfatizam a sua sobrecarga a respeito dos cuidados físicos e emocionais (Castoldi, Gonçalves, & Lopes, 2014; Charles, Spielfogel, Gorman-Smith, Schoeny, Henry, & Tolan, 2016; Dessen & Oliveira, 2013). Com a separação conjugal, muda a relação pais e filhos(as). A mãe costuma manter a sua centralidade, mas tem que administrar a participação do pai e do seu atual namorado ou marido, no caso de se recasar. O pai tende a diminuir o tempo vivido com os(as) filhos(as) e tem que administrar a sua participação, a partir de acordos e desacordos com a mãe e do seu comprometimento pessoal. Na fase da adolescência e da vida adulta, embora haja maior autonomia dos(as) filhos(as), esse padrão tende a se manter, influenciando as características da relação pais e filhos(as).

O relacionamento entre pais e filhos(as) é transformado ao longo de um processo, que tem impacto sobre a vida familiar (McKinney & Pastuszak, 2014; Parra, Oliva, & Reina, 2015; Padilla-Walker & Nelson, 2012; Ponciano & Féres-Carneiro, 2014; Ponciano, 2015; Tsai, Telzer, & Fuligni, 2013). Face a essas considerações e às características da pesquisa, destacamos a importância de se diferenciar e visualizar a participação tanto da mãe quanto do pai na vida dos(as) filhos(as), destacando a influência da conjugalidade e da separação sobre a parentalidade, ao longo da vida. Sobretudo, consideramos o período da adultez emergente, já que os(as) entrevistados(as) relatam suas experiências a partir da passagem da adolescência para a vida adulta de seus(suas) filhos(as).

Método

Participantes

Foram entrevistadas 13 mães (11 separadas e duas casadas), sete casais e cinco pais (três separados e dois recasados), totalizando 25 entrevistas e somando a participação de 32 pessoas. As mães e os pais entrevistados separadamente não tinham relações entre si e, nos casais entrevistados, ambos eram pais dos(as) mesmos(as) filhos(as).

O maior número de entrevistas, feito somente com as mães, se deve à maior disponibilidade das mesmas para falar de seus(suas) filhos(as). Em seguida, vêm as entrevistas feitas com o casal, que também dependem da organização da mãe para trazer o pai, e, por último, com os pais, que têm maior dificuldade de estarem disponíveis, geralmente justificada por falta de tempo ou compromissos de trabalho. Não havia determinação inicial de fazermos a entrevista com um ou outro, acolhendo a disponibilidade das pessoas que se voluntariavam. Dessa forma, as entrevistas foram iniciadas com as

peças que se dispunham, caracterizando-se o predomínio numérico da mãe. Ao notar a prevalência de um discurso que excluía o pai como um participante ativo na vida dos(as) filhos(as), mesmo nas entrevistas feitas com o casal, fizemos a opção pela realização de mais cinco entrevistas somente com pais, em separado da mãe de seus(suas) filhos(as), buscando ativamente os encontrar. Essas últimas entrevistas enriqueceram a pesquisa, obrigando a releitura das entrevistas anteriores.

A faixa etária dos(as) filhos(as) foi delimitada entre 15 e 26 anos. Embora essas famílias pudessem ter filhos(as) mais velhos(as) ou mais novos(as), o foco da entrevista manteve-se na idade anteriormente definida. A delimitação de idade procurou abranger a entrada no ensino médio, cujo término precede o vestibular, caracterizando a escolha profissional como o início de um compromisso para a vida adulta, e a saída da graduação, cuja característica é a entrada formal no mercado de trabalho, marcando os passos iniciais para a independência financeira. Abrangemos, assim, uma faixa etária maior do que a inicialmente delimitada por Arnett (2011) para essa fase: dos 18 aos 25 anos, compreendendo que não há clara delimitação de quando termina a adolescência e começa a vida adulta, variando de acordo com parâmetros socioculturais. Os demais critérios para a seleção dos(as) entrevistados(as) foram pertencerem à classe média e serem moradores da cidade do Rio de Janeiro, definindo uma amostra cujas características tendem a se alinhar com a expectativa de maior autonomia para os(as) filhos(as), a partir da adolescência. A quantidade de 25 entrevistas confirmou-se à medida que essa amostra demonstrou ser suficientemente abrangente e representativa para a análise dos relatos dos sujeitos desse segmento social, sem pretensões à generalização.

Delineamento, instrumentos e procedimentos

Os(as) entrevistados(as) foram indicados por conhecidos diretos e indiretos dos pesquisadores envolvidos, após a divulgação por e-mail das características dos participantes, caracterizando uma amostra de conveniência. Com as pessoas indicadas, contatadas por telefone e por e-mail, e que concordaram em participar, as entrevistas foram marcadas no local de maior facilidade para as mesmas, sendo considerada a privacidade necessária. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvida. As entrevistas foram gravadas, após leitura e assinatura, pelos participantes, de um termo de consentimento, que informava o tema da pesquisa, a preservação do anonimato e a possibilidade de entrar em contato com a pesquisadora responsável, caso necessário. Não houve recusa à participação dentre os indivíduos contatados e que aceitaram marcar a entrevista.

Foi elaborado um roteiro semiestruturado que abordou os seguintes temas: identificação objetiva dos componentes da família e dos entrevistados (sexo, idade, formação e profissão); história da relação pais e filhos(as) – da infância à adolescência; características da relação atual com os(as) filhos(as); percepções quanto ao estilo de vida dos(as) filhos(as); percepções quanto à participação na vida dos(as) filhos(as); expectativas quanto ao futuro dos(as) filhos(as) e da relação com eles(as). Os tópicos foram construídos de forma aberta, a fim de que os(as) entrevistados(as) narrassem livremente a sua experiência.

Os(as) entrevistados(as) foram nomeados, identificando os componentes de suas famílias com letras e siglas, marcando a posição de cada um no grupo familiar, sendo M, de mãe; P, de pai; Fov, de filho mais velho; Fav, de filha mais velha; Fom, de filho do meio; Fam, de filha do meio; Foc, de filho caçula; Fac, de filha caçula; Fou, de filho único; e Fau, de filha única. Ao destacar um fragmento, as abreviações M ou P são relativas à entrevista feita somente com o pai ou somente com a mãe, e a abreviação MP é relativa à entrevista feita com mãe e pai casados. A essa identificação, acrescentamos o estado civil de pais e mães que foram entrevistados individualmente. As famílias foram numeradas de 1 a 25 e as abreviações são seguidas do número correspondente a cada entrevista.

As entrevistas foram submetidas à análise de conteúdo (Bardin, 2011), utilizando a técnica de análise categorial, que consiste em desmembrar o texto em categorias de análise, estabelecendo núcleos de sentido, descritos e discutidos a seguir. Para a eleição das categorias, de acordo com o objetivo da pesquisa, foi realizada uma “leitura flutuante”, demarcando núcleos de sentido de cada entrevista (decifração estrutural) e, posteriormente, estabelecendo relações entre elas, a partir da repetição de alguns temas significativos. A partir dessa leitura, foram estabelecidas as categorias cuja

predominância no discurso dos(as) entrevistados(as) é afetivamente significativa, sendo relacionado à descrição da experiência de serem pai e mãe de jovens. Essa eleição, portanto, não ocorreu por um critério estatístico e sim clínico, por uma compreensão a partir da narrativa, estando de acordo com uma das possibilidades técnicas de análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011).

Resultados e discussão

A partir da leitura e análise das falas dos(as) entrevistados(as), emergiram duas categorias de análise, que evidenciam narrativas sobre a parentalidade, a conjugalidade e a separação, abaixo relacionadas e descritas.

1) Pai/mãe de jovens: histórias sobre a predominância da mãe. Ênfase sobre a mulher como responsável pelo relacionamento, enquanto o homem é responsável pela manutenção financeira da casa. Nesta categoria, apresentam-se relatos a respeito da participação de cada um, inicialmente, da perspectiva das mães e, em seguida, da perspectiva dos pais, destacando a importância/esforço de trazer o pai.

Pai é muito quando pega na mãozinha e já anda sozinho, porque, até bebê, é bilubilu e nem consegue pegar. Primeiro dia, quando foi trocar fralda, ficou péssimo, quase vomitou.... mas sempre foi uma pessoa muito presente, ali curtindo os filhos... quando o Fov andava já de mão dada com ele, aí saía pra passear... mas já com dois, três anos. (M8 - separada)

Ele (o pai) sempre tratou os meninos, principalmente o Fov, como adulto. Então ia jogar xadrez com o Fov. Então ele ganhava do filho, o que? com três anos... como? (M15 - separada)

As mães entrevistadas observam que os pais têm pouca sensibilidade para perceber e manejar as necessidades dos(as) filhos(as), desde os seus primeiros anos, evidenciando uma pequena melhora, em algumas fases do desenvolvimento dos(as) filhos(as), quando começam a andar e a partir da adolescência (Kalmijn, 2013a; 2013b).

M- Então, ele gostava muito de brincar de luta com elas. Ele ficava na cama rolando. Era soco, tapa. Eu ficava desesperada, mas elas amavam esse tipo de brincadeira... no fim de semana a gente ia pro sítio e aí ele gosta de andar de cavalo. Essas coisas eram feitas com ele... ele trazia essa parte lúdica dele.

P- Eu endosso tudo o que você falou... Eu trabalhava muito, você que tomava conta delas... na verdade, o que acontece é que eu me sinto, eu sou incompetente e, como a mãe lida bem com isso, eu fico mais tranquilo. (MP11)

Nos relatos acima, as mães descrevem um pai que não sabe cuidar e, por isso, participa dos jogos, lazeres e prazeres na relação com os(as) filhos(as), a partir do momento em que eles(as) começam a ficar menos dependentes, ao longo do desenvolvimento. Cuidado e lazer se opõem, no discurso dessas mães (Krampe, 2009; Warpechowski & Mosmann, 2012). Nesse sentido, a mulher, em sua tarefa diária de cuidar, desenvolve maior habilidade de compreensão sobre as necessidades físicas e emocionais dos(as) seus(suas) filhos(as), conseguindo distinguir as diferentes fases da vida, suas respectivas características e necessidades (Hurstel, 1999).

No relato das mães, há uma crítica e condescendência em relação ao modo como os pais participam dos momentos lúdicos. Não parece haver o reconhecimento de que o papel do pai também é o de ajudar a desenvolver, nos(as) filhos(as), as habilidades esportivas, praticadas nos momentos de lazer, que ensinam a estar em grupo e a obedecer a regras, fora do ambiente doméstico (Krampe, 2009). O pai, assim, pode se ver como excluído e/ou desvalorizado, como o relato do pai no último fragmento acima. Por isso consideramos que é necessário reconhecer a especificidade do papel do pai, para que seja mais bem compreendido (Warpechowski & Mosmann, 2012).

Acho que a mulher é tanto amor incondicional. Não pode ser incondicional porque se ele fizer merda... Amor incondicional é uma coisa que sufoca e tem isso: a mulher julga que o amor dela vai ajudá-la a tomar as melhores decisões... E não é cara, porque o amor é egoísta também. Ela quer o que é melhor para ela. (P16 - recasado)

Os pais entrevistados reconhecem a diferença e a importância da mãe para a criação dos(as) filhos(as), mas, ao mesmo tempo, também consideram que pode haver exagero nos cuidados, sendo prejudicial ao bom desenvolvimento dos filhos, principalmente quando eles precisam seguir o seu próprio caminho (Hameister et. al., 2015; McKinney & Pastuszak, 2014).

A gente descobre. Eu não tinha noção do que era ser pai. Eu costumo dizer que eu aprendi a ser pai treinando, é aprendendo na prática... A gente se depara em ter que educar filho e é uma coisa que é muito difícil... Eu tive uma vantagem e que eu usava legal, que é a minha mãe. Minha mãe era uma avó aglutinadora. Então, por mais incompetente que eu fosse pra manter uma relação legal com eles... ela aglutinava os netos. E, depois, ela morreu e eu tive que aprender a aglutiná-los sem mulher. E aí foi outro desafio que eu tive. Aí fui aprender a ser pai e parceiro e desde muito cedo eu queria ter uma relação com eles que não passasse pelas mães e isso foi um grande barato que eu consegui. Foi difícil, mas foi muito legal. (P21 - separado)

Já o pai, sabendo que não tem as mesmas habilidades que a mãe, de acordo com os(as) entrevistados(as), deve encontrar o seu caminho, esforçando-se para participar da criação dos(as) filhos(as), desde a infância até a vida adulta (Hurstel, 1999; Krampe, 2009; Parke, 2000; Parra et. al., 2015). Para isso, pode, inicialmente, contar com a mulher, ainda que seja a sua própria mãe e não a de seus(suas) filhos(as).

Eu não quero assumir sozinho e nem acho que ele tem que assumir isso sozinho. A gente meio que divide isso mesmo... Ele já trabalhou fora, de passar semana fora. Mesmo nisso, ele está sempre ligando. Sempre envolvido com as coisas dela, com o estudo dela. (M4 - casada)

Há uma variação sobre o que cada um fala do outro, de acordo com as histórias e as situações conjugais. Os relatos dos(as) entrevistados(as) casados destacam a importância da fala materna, sendo o que ajuda a incentivar ou não a participação do pai na vida dos(as) filhos(as). O relato, acima, é o da mãe que reconhece o pai, seu marido, como ativo na criação da filha, desde o seu nascimento. Ela afirma que não poderia ter escolhido outro homem, senão um que realmente participasse da vida da filha, indicando que essa é uma determinação feminina, anterior ao posicionamento masculino (Hurstel, 1999). Dessa forma, ela reconhece e elogia a participação do pai, trazendo, ao longo da entrevista, vários exemplos que confirmam isso.

P- Eu brinco muito que eles vão me deixar.

M- Que ele vai ser abandonado.

P- Eu vou ficar velho e não vai ter ninguém para tomar conta de mim.

M- É... ele... diz: "mas de você eles vão tomar". A minha percepção é de que eles vão tomar conta dos dois. Da mesma forma.

P- acho que o Fov mais...

M- A realidade não é essa, mas eu acho que, às vezes, ele se sente um pouco preterido. Mas eu acho que é muito mais por uma questão dele. Eu pego, eu abraço, eu beijo, eu puxo, deito no colo, faço carinho e ele não. Então, a proximidade física é muito maior comigo... Então, aparentemente, eles me fazem mais carinho. Sentem mais a minha falta porque eu faço comida. Eu faço mais falta no gerenciamento da casa. E ele acha que vão esquecer dele e não é... Ninguém chega e senta no colo dele, dá beijo nele e acho que ele se resente um pouco disso. Assim como acho que ele se resente deles falarem mais comigo do que com ele, mas eu acho que é muito porque ele não dá essa abertura... (pausa) Eu falo, falo, falo, falo e de vez em quando tem alguma coisa e assim não tem a troca. E relacionamentos são troca (pausa). (MP14)

Esses fragmentos das narrativas de pais casados indicam que o pai pode sentir-se inseguro a respeito do amor e do cuidado dos(as) filhos(as) em relação a ele, em uma situação de velhice, por exemplo. A mãe ouve e não concorda com essa percepção, mas começa a descrever o pai como uma pessoa mais distante, o que pode contribuir para o afastamento dos(as) filhos(as). O pai ouve, enquanto a mãe fala dele, e não acrescenta mais nada, parecendo confirmar o que está sendo dito. Inicialmente, parece que a mãe não confirma o afastamento do(a) filho(a), mas posteriormente, pela descrição que faz do pai, podemos pensar que há uma possibilidade de o(a) filho(a) se afastar,

futuramente. O pai não se manifesta mais e, com esse comportamento, parece confirmar a interpretação da mãe de que o seu “fechamento” e menor proximidade contribuem para o afastamento do(a) filho(a) e dela também. A narrativa dessa experiência indica que há uma transformação do relacionamento entre pais e filhos(as), ao longo da vida, e que na passagem da adolescência para a vida adulta, quando os(as) filhos(as) se tornam mais autônomos(as), é possível que o pai sinta mais o afastamento deles(as) (Ponciano, 2015; Ponciano & Féres-Carneiro, 2014; Tsai et. al., 2013).

2) Separação: histórias sobre a diferença com o pai. São apresentados relatos de como a separação conjugal pode significar um afastamento entre mãe e/ou pai e seus(suas) respectivos(as) filhos(as) e o esforço, principalmente, do pai para continuar próximo.

Ela (Fau) estava com 19. Começou a degrading as coisas nos últimos cinco anos (do casamento)... Eu achando que estava disfarçando a coisa para ela, mas não estava... Até quando eu me separei, ela virou e falou assim: “agora, eu vou poder trazer de novo o meu namorado para cá. Com meu pai, estava sendo impossível, aquele mau humor dele constante.” Talvez a saída dele também... tenha deixado ela ficar mais livre... (a Fau) não interessa a ele (o pai), não faz parte da vida dele. Eu estranhei muito porque ele sempre foi muito apegado a ela e ela a ele, mas impressionante que quando houve a separação como houve um distanciamento dele também ou se já havia esse distanciamento e a gente que não estava enxergando... (com a saída do pai, após a separação) ela se aflorou também... ela se sentiu aliviada de poder fazer as coisas... A gente está passando aperto? Está, mas... nós estamos superunidas. Cada vez mais, a gente está mais unida. (M3 - separada)

Há uma diferença entre a posição do pai e a da mãe, principalmente, após a separação. Essa diferença é perpassada pelas histórias da conjugalidade e da parentalidade (Féres-Carneiro, 1998). A fim de exemplificar o discurso das mães separadas, o relato acima apresenta a saída do pai como o fator determinante para a liberação tanto da mãe quanto da filha. É dito, como em outras entrevistas, que, ao longo da vida da filha, o pai participou somente do lazer, ficando com a mãe a responsabilidade do cuidado. O pai não participa da “liberação”, desenvolvimento da autonomia da filha, porque, segundo a afirmação da mãe, ele está distante, sendo considerado pouco efetivo, principalmente, após a separação (Hameister et. al., 2015; Krampe, 2009; McKinney & Pastuszak, 2014).

Nós éramos muito amigos, passeávamos muito, nos dávamos bem. Mas eu me separei, ele tinha doze anos, quando eu me separei do pai dele e ele sofreu muito com essa separação. O pai dele foi morar em (outra cidade) ele era muito ligado ao pai e sentiu muita falta e me culpou muito pela separação... No primeiro ano do ensino médio, resolveu morar com o pai... Ficou dois anos morando com o pai. Repetiu de ano. Não estudou. O pai arrumou uma mulher com três filhos e aí ele se sentiu perdido... O pai (hoje) está mais próximo até financeiramente, porque o pai nunca ajudou financeiramente... Ele vem pro Rio e chama o Fou para almoçar... é... eu fiquei com a parte chata de falar não, de criticar, de dar bronca, de exigir e o pai dele é sempre aquele : “Ah tudo bem, se isso não tá bom para você” ...depois de dez anos de separados nós temos uma relação... as coisas foram se acalmando e a gente começa a se falar mais. O Fou ficou mais seguro na vida dele também. Ele agora tem uma figura masculina que fala de igual para igual. (M1 - recasada)

Neste exemplo, o surgimento de conflitos, que foram intensificados pela interpretação do filho de que a mãe era a responsável pelo afastamento do pai, afasta mãe e filho. Com a entrada na adolescência, o conflito se acirrou, mas foi diminuindo com o passar dos anos. Dois eventos contribuíram para a diminuição dos conflitos: o filho ter ido morar um tempo com o pai e a reaproximação entre o pai e a mãe (casal parental), indicando que a separação pode ser elaborada de outras maneiras, ao longo do desenvolvimento, modificando a relação parental, e que a passagem da adolescência para a vida adulta pode ser um momento de reelaboração positiva das relações, apesar dos conflitos (McKinney & Pastuszak, 2014; Ponciano, 2015; Tsai et. al., 2013).

A... Fac... veio com uma ideia de fazer Cenografia e aí me pediu opinião: (eu disse para Fac) “Hoje, o melhor curso pra você,... eu acho que talvez Engenharia de Produção...” Ela me ouviu. Passou para... E agora, ela veio com aquela novidade que detesta Engenharia... me comunicou, que ela estava fazendo... Cenografia. E eu falei assim: “Bem, começou a estudar Cenografia, fez prova, passou e não falou nada pra sua mãe”. (a Fac responde) “Você não queria que eu fizesse.” Eu disse: “Não. Não é não querer. Se você pretende sobreviver disso é um pouco complicado. Eu não

tenho como te bancar a vida inteira.” Ela ia de carro, dado pelo pai, da (faculdade 1) para (faculdade 2). Aí eu falei: “Ah! Eu sou a culpada?” Aí, ela me olha: “Mas você disse para eu fazer (engenharia).”... “Mas agora eu vou corrigir a minha vida porque você complicou a minha vida toda... eu vou mudar para Administração. (M10 - separada)

Acima, apresentamos o relato da mãe que narra o diálogo que teve com sua filha, que, a princípio, excluiu o pai, a respeito da escolha profissional e da formação. A mãe considera que a filha conseguiu decidir, independentemente dela, pelo auxílio do pai que lhe dera um carro. Essa situação retrata um acontecimento comum, principalmente entre pais separados: o relacionamento com os(as) filhos(as) (história da parentalidade) reflete o relacionamento entre os pais (história da conjugalidade), que, nesse caso, é o do distanciamento. Ao procurar incentivar a independência financeira da filha, a mãe não percebe a relação de dependência emocional estabelecida, o que permite à filha considerar a mãe responsável por suas escolhas. Neste caso, o pai tem uma contribuição diferente para o desenvolvimento da autonomia da filha ao dar e sustentar um carro, o que facilitou o deslocamento geográfico dela para duas faculdades diferentes, sem o conhecimento da mãe. Apesar de a mãe pensar na independência financeira da filha, o pai parece estimular mais concretamente o desenvolvimento da autonomia, indicando um tipo de participação que leva à filha ao risco no mundo (Krampe, 2009; Charles et. al, 2016; McKinney & Pastuszak, 2014; Parke, 2000).

Eu costumo falar com meus amigos das três fases do divórcio, da separação: fase 1, quando se separou e a decisão é do homem e aí a mulher acha que você vai voltar. Quando ela acha que você vai voltar, ela é gente boa, é compreensiva, quer que você participe, quer os seus filhos perto, quer você perto dos filhos. Se você diz que arrumou uma namorada, ela faz até você levar a namorada na casa dela e o diabo, porque ela acha que você vai voltar; quando ela vê que você não vai voltar, fase dois, aí ela usa os filhos contra você. Ela pode ser uma pessoa inteligente, madura, com tudo, consciente, uma pessoa maravilhosa. Nesse momento, a pessoa enlouquece. Vira os filhos contra você, faz o diabo, pinta os canecos. (ri) Nessa hora é a hora que o cara tem que ficar calmo e não retaliar e torcer para chegar a fase três, que é quando é a fase do luto, que, na verdade, é aquele negócio, negação, revolta depressão e aceitação. E a aceitação, às vezes, acontece quando a mulher se... normalmente, acontece quando ela encontra outro homem. E eu passei por isso. Eu tive que cortar asinha da mãe. Uma vez eu tô no carro assim, eles pequenos falando do... (marido atual da ex-mulher): “Ah! Ele é o nosso segundo pai.” Aí, eu parei o carro e falei: “Ele é o marido da sua mãe. Eu sou o pai, o único. Vocês só têm um pai, que sou eu.” ... Ele pode ir embora. Eu não. Eu jamais vou sair da vida deles. (P16 - recasado)

O relato acima resume as complicações dessa situação e demonstra, pela experiência do entrevistado, o esforço que o pai precisa fazer para não perder o seu lugar. A separação e o recasamento são acontecimentos que merecem destaque, para que compreendamos como influenciam a relação pais e filhos(as) (Féres-Carneiro, 1998; Hameister et. al., 2015). Nesse momento, é importante ressaltar que a relação com a(o) ex-cônjuge e com o(a) atual é fundamental para a continuidade do bom relacionamento entre pais e filhos(as), principalmente, para o pai, quando não mora mais com os(as) filhos(as) (Hameister et. al., 2015; Sibertin-Blanc, 2003).

Nas duas categorias são apresentadas histórias e situações narradas pelos(as) entrevistados(as), sendo que na primeira categoria as histórias/situações remetem, predominantemente, aos anos iniciais de desenvolvimento dos(as) filhos(as), em que as mães tendem a ser as mais próximas, e na segunda categoria remetem, principalmente, ao período após a separação, em que os(as) filhos(as) são mais velhos(as), há aumento de conflitos entre pais e filhos(as) e a relação com o pai pode ser menos enviesada pela mãe. Nas entrevistas com as mães separadas, predomina a afirmação de que o pai não participa da vida dos(as) filhos(as) desde a infância e, com a separação, essa distância se agrava, consolidando-se o afastamento paterno, ao longo da adolescência e do início da vida adulta. As mães marcaram a ausência de participação do pai e acentuaram sua falta e/ou falha. Nas entrevistas em que os pais estiveram presentes, feitas com o casal, eles tiveram a oportunidade de falar e tendiam a concordar com as mães, quanto à sua pouca participação. Quando os pais participavam mais, havia uma crítica das mães, o que parecia confirmar a maior habilidade delas para participar e, nesse caso, independentemente de sua situação conjugal e da fase de desenvolvimento dos(as) filhos(as). Observamos em vários relatos que a mãe descreve a sua centralidade ao longo do desenvolvimento dos(as) filhos(as). Mas o pai está presente, ainda que não corresponda ao ideal da mãe. Desse modo,

ambos, a partir da situação conjugal e de sua interferência, podem reconhecer e modular a relação com os(as) filhos(as). Analisar o esforço do pai é um importante passo para a compreensão das diferenças com a mãe e como sua contribuição pode ser efetiva, desde a dependência ao desenvolvimento da autonomia.

Considerações finais

Destacamos que o relacionamento pais-filhos(as) diferencia-se conforme a história da união e/ou separação dos pais, desenvolvendo-se diferentes trajetórias de envolvimento. Pelo relato de nossos(as) entrevistados(as), confirmamos a predominância da mãe, ao mesmo tempo em que pudemos observar a complexidade da relação com os(as) filhos(as), quando em nossa compreensão inserimos a história da conjugalidade, que influi na história da parentalidade. Destacando o relato do pai, focamos na díade parental com características específicas, que é dependente da situação conjugal. Destacamos igualmente que, embora a mãe influencie e oriente a relação do pai com os(as) filhos(as), a presença paterna possui uma especificidade ainda pouco valorizada e compreendida, necessitando ser mais bem estudada.

Uma das preocupações dos pais refere-se à necessidade de ajudar os(as) seus(suas) filhos a crescerem. Os(as) entrevistados(as) abordam esse aspecto de diversas formas, além de indicar as dificuldades apresentadas nesse processo. Como uma tarefa desenvolvimental que culmina com a vida adulta, geralmente, a busca inicial pela autonomia surpreende a família, gerando ansiedade e expectativas, para as quais os pais podem não estar preparados (Padilla-Walker & Nelson, 2012). É importante ressaltar que a criação de um ambiente que facilite a autonomia depende da história conjugal, que interfere na história da parentalidade. Nesse sentido, alcançamos o objetivo de discutir a influência da conjugalidade e da separação sobre a parentalidade, destacando, a partir do relato histórico dos pais entrevistados, o relacionamento pais e filhos(as) ao longo da vida e, sobretudo, no período da adultez emergente.

Há, porém, limitações que devem ser abordadas, além de ressaltarmos indicações para pesquisas futuras. Nosso estudo analisa relatos históricos, baseados na memória, não acompanhando o processo ao longo do ciclo de vida, o que indica a necessidade de estudos longitudinais. A comparação entre pais casados, separados e recasados demonstrou ser importante, mas consideramos a necessidade de realizar comparações sistemáticas, construindo um instrumento de pesquisa que aborde as diferenças e similaridades entre esses grupos de pais, discutindo os diferentes tempos de casamento e de separação, que podem indicar diferentes fases. Além disso tangenciamos uma discussão sobre gênero, quanto à diferença entre pai e mãe, que deve ser mais investigada, nas diferentes situações conjugais, além de pesquisar também casais e pais homoafetivos. Outra distinção de gênero importante é relativa às díades constituídas por cada pai e mãe e seu filho e sua filha, que devem ser investigadas em sua especificidade. Nesse sentido, outro aspecto a ser discutido e investigado refere-se à mudança recente que distribui o poder entre pai e mãe, presente na substituição do pátrio poder pelo poder familiar, considerando como essa mudança ocorre na prática cotidiana do relacionamento pai, mãe e filhos(as), e comparando os diferentes contextos do Brasil.

Na fase da adolescência e da entrada na vida adulta, o padrão de relacionamento pais-filhos(as), vivido na infância e marcado pela influência da conjugalidade, tende a se manter, com a predominância da gerência materna. Porém concluímos, ressaltando a importância de visualizarmos a participação tanto da mãe quanto do pai e das histórias vividas ao longo do desenvolvimento, histórias da conjugalidade e da separação, que influenciam a parentalidade, para que possamos elaborar postulações teóricas que nos ajudem a compreender a transformação experimentada pela família ao longo do ciclo de vida, auxiliando, quando for o caso, o desbloqueio do desenvolvimento individual e familiar.

Referências

- Adamsons, K. (2013). A Longitudinal investigation of mothers' and fathers' initial fathering identities and later father-child relationship quality. *Fathering, 11*(2), 118-137.

- Arnett, J. J. (2011). Emerging Adulthood(s): The Cultural Psychology of a New Life Stage. In L. A. Jensen (Org.), *Bridging Cultural and Developmental Approaches to Psychology: New Syntheses in Theory, Research, and Policy* (pp. 255-275). New York: Oxford University Press.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições Setenta.
- Barthassat, J. (2014). Positive and Negative Effects of Parental Conflicts on Children's Condition and Behaviour. *Journal of European Psychology Students*, 5(1), 10-18.
- Berger, P. & Kellner, H. (1988). Le mariage et la construction de la réalité. *Dialogue*, 102, 6-23.
- Booth, A., Brown, S. L., Landale, N. S., Manning, W. D., & McHale, S. M. (2012). *Early Adulthood in a Family Context*. New York: Springer.
- Castoldi, L., Gonçalves, T. R., & Lopes, R. C. S. (2014). Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. *Psicologia em Estudo*, 19(2), 247-259.
- Charles, P., Spielfogel, J., Gorman-Smith, D., Schoeny, M., Henry, D., & Tolan, P. (2016). Disagreement in Parental Reports of Father Involvement. *Journal of Family Issues*, 37(1), 1-24.
- Dessen, M. A. & Oliveira, M. R. (2013). Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai "real" e "ideal" na perspectiva materna. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 184-192.
- Durkheim, E. (1975). La famille conjugal. In: Durkheim, E. *Textes III: fonctions sociales et institutions*. (pp.35-49). Paris: Les Éditions de Minuit.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo, o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Gitelson, I. B. & McDermott, D. (2006). Parents and their young adult children: transitions to adulthood. *Child Welfare*, 85(5), 853-866.
- Gower, M. & Dowling, E. (2008). Parenting adult children: invisible ties that bind? *Journal of Family Therapy*, 30(2), 425-437.
- Hameister, B. da R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: uma revisão sistemática do efeito *spillover*. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67 (2), 140-155.
- Hurstel, F. (1999). *As novas fronteiras da paternidade*. São Paulo: Papirus. (Original publicado em 1996).
- Kalmijn, M. (2013a). Relationships Between Fathers and Adult Children: The Cumulative Effects of Divorce and Repartnering. *Journal of Family Issues*, 17(1) 1-23.
- Kalmijn, M. (2013b). Adult Children's Relationships With Married Parents, Divorced Parents, and Stepparents: Biology, Marriage, or Residence? *Journal of Marriage and Family*, 75(5), 1181-1193.
- Krampe, E. M. (2009). When is the father really there? A conceptual reformulation of father presence. *Journal of Family Issues*, 30(7), 875-897.
- McKinney, C. Morse, M., & Pastuszak, J. (2014). Effective and ineffective parenting: associations with Psychological Adjustment in Emerging Adults. *Journal of Family Issues*, 35(1), 1-23.
- Miller, R. B., Nunes, N. A., Bean, R. A., Day, R. D., Falceto, O. G., Hollist, C. S., & Fernandes, C. L. (2014). Marital Problems and Marital Satisfaction Among Brazilian Couples. *The American Journal of Family Therapy*, 42(2), 153-166.
- Padilla-Walker, L. M., & Nelson, L. J. (2012). Black hawk down?: Establishing helicopter parenting as a distinct construct from other forms of parental control during emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 35(5), 1-14.
- Parra, A., Oliva, A., & Reina, M. del C. (2015). Family Relationships from Adolescence to Emerging Adulthood: a Longitudinal Study. *Journal of Family Issues*, 36(14), 2002-2020.
- Parke, R. D. (2000). Father Involvement: a Developmental Psychological perspective. *Fatherhood: research, interventions and policies. Marriage and Family Review*, 29(2/3/4), 43-58.
- Ponciano, E. L. T. (2015). Autoridade parental em transformação: pais e filhos na adultez emergente. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp. 57-72). Rio de Janeiro: PUC-Rio/Perspectiva.
- Ponciano, E. L. T. & Féres-Carneiro, T. (2014). Relação Pais-Filhos na Transição para a Vida Adulta, Autonomia e Relativização da Hierarquia. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(2), 388-397.
- Schneebeli, F. C. F. & Menandro, M. C. S. (2014). Com quem as crianças ficarão?: Representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 175-184.
- Sibertin-Blanc, D. (2003). La saga des familles recomposées. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 51(3), 145-152.
- Smetana, J. (2011). *Adolescents, families and social development: how teens construct their Worlds*. USA/UK: Blackwell Publishing.
- Tsai, K. M., Telzer, E. H., & Fuligni, A. J. (2013). Continuity and discontinuity in perceptions of Family Relationships from Adolescence to Young Adulthood. *Child Development*, 84(2), 471-484.
- Warpechowski, A. & Mosmann, C. (2012). A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. *Temas em Psicologia*, 20(1), 247-260.

Recebido em 20/07/2016

Aceito em 21/02/2017

Edna Lucia Tinoco Ponciano: professora adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade Estadual Rio Janeiro (UERJ).

Terezinha Féres-Carneiro: professora titular do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).